

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

Personagens (por ordem de entrada)

Mestra
Feiticeira
Madrinha
Rouxinol
Andorinha
Carvalho
Lagarto
Pirilampo
Pai
Estudante (filho)
Menina
Violeta
Jasmim
Tulipa
Gerânio
Lirio
Magnolia
Borboleta
Toupeira
Branca (roseira)
Rosa (roseira)
Amarelo (roseira)
Vermelha (roseira)
Princesa

Prólogo: As Fadas saem dos livros de Oscar Wilde.

Cantam o que viram em seus contos.

MESTRA: Está decidido!

FEITICEIRA: Não, não está!

MESTRA: Feiticeira! (Aponta o público) Como não está? Que conversa é essa agora?

FEITICEIRA: Dá licença de eu ter opinião própria?

MADRINHA: Como assim? Nós decidimos em conjunto e a maioria ganhou.

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

MESTRA: 2 a 1!

FEITICEIRA: Foi. Elas decidiram e eu fui obrigada a concordar.

MESTRA: Mas que belo começo de peça! Discutindo diante do público!

FEITICEIRA: (Ao público) Não levem a mal...é que eu adoro uma polêmica.

MESTRA: Só que hoje não tem discussão! Vamos contar a história do Rouxinol e da Rosa e pronto!

MADRINHA: Sim, por que não? É um belo conto! Um dos mais belos deste belo autor...Mr...Mr...como é mesmo o nome dele, Fada Mestra?

MESTRA: Wilde, Fada Madrinha. Oscar Wilde.

MADRINHA: Isso. Seus personagens cantam como o Rouxinol e cada uma de suas frases é linda e majestosa quanto uma rosa.

FEITICEIRA: ...uma rosa cheia de espinhos!

MESTRA: Feiticeira!

MADRINHA: Que quer dizer?

FEITICEIRA: Que ele escreve bem, não se discute. Mas é tudo tão triste!

MESTRA: Triste? Ora, vocês não entendem nada de literatura!

FEITICEIRA: Como não? Eu, que sou Fada e tenho o coração feito de brisa, quase desmanchei em lágrimas! Meus poderes ficaram ensopados! Durante dias não pude fazer um só feitiço! E se a gente contasse a história do Príncipe Feliz?

MADRINHA: O título é animado! O Príncipe Feliz!

MESTRA: Aquele que, mesmo transformado em estátua e com o coração de chumbo, não conseguia parar de chorar ao ver toda a miséria dos habitantes de sua cidade. E, apesar de ser belo como um catavento, todo feito de ouro e pedras preciosas, ofereceu o seu corpo dourado e seus olhos de safira para dar pão, lenha e agasalho aos mendigos e crianças famintas!

MADRINHA: (Soluça) Oh, pobrezinho!...

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

FEITICEIRA: (Tentando parecer superior às lágrimas) E que tal O Pescador e sua Alma?

MESTRA: A história de um pescador que, perdidamente apaixonado por uma linda sereiazinha, separa-se de sua alma. Perdida, sem dono e sem coração, ela erra pelo mundo afora e os dois só se reencontram na morte, cobertos pelas águas do mar..

MADRINHA: (Chorosa, puxando um lenço) E a sereiazinha?

MESTRA: Morrem os três: o pescador, a alma e a sereiazinha. Não sobra ninguém.

FEITICEIRA: (Esforçando-se para conter o choro) Bom...e quanto ao Aniversário da Infanta?

MESTRA: A história de um anão que desconhecia a sua feiúra e se apaixona por uma princesa. Quando vai ao palácio em busca de sua amada vê pela primeira vez a sua imagem diante de um espelho. Horrorizado, morre de tristeza aos pés da princesa que friamente declara aos seus criados:

MADRINHA: (Soluçando) Doravante, não poderão ter coração aqueles que vierem brincar comigo! (Desaba)

FEITICEIRA: Tá bem, tá bem..Vocês me convenceram!

MESTRA: Será possível que vocês não tenham um pingo de noção de dramaturgia?

MADRINHA: De que?

MESTRA: Dramaturgia! Teatro! Tudo depende da forma com que se conta uma história. Toda peça boa tem pitadas de aventura, romance, suspense, lirismo...

MADRINHA: ...e finais felizes!

MESTRA: (Ignorando) Sem dúvida O Rouxinol e a Rosa é um conto que emociona, que mexe com nossos sentimentos. Mas é isso o que as pessoas querem hoje em dia: despertar sua emoção! Além disso, meninas...meninas! É uma história de amor!

MADRINHA: (Suspira) Ah, é!

MESTRA: ...e desde que eu me conheço por fada - e olha que isso já fazem uns... (Cutucam ela) centos anos...não houve uma só pessoa, em qualquer época, de qualquer idade, que não se encantasse ao ver ou ouvir uma linda história de amor!

MADRINHA: É verdade!

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

FEITICEIRA: Não quero interromper sua prosa, Fada Mestra...mas seria bom chegarmos logo a um desfecho porque infelizmente não somos nós as personagens principais.

MESTRA: É verdade, é verdade, Feiticeira...Mas é que cada vez que eu vejo essas luzes, esse palco, essa platéia...Não sei...me dá uma coisa!

MADRINHA: É...quem são mesmo os personagens principais?

FEITICEIRA: O Rouxinol e a Rosa, Fada Madrinha.

MADRINHA: Ah, sim, claro! Essa cabeça! E onde estão eles? Por que não começam?

MESTRA: Devem estar esperando que a gente saia...Senhoras e senhores...

MADRINHA: ...com vocês...

FEITICEIRA: ...O Rouxinol e a Rosa!

(Luz e cortina se abrem para dar vida a floresta à noite. Eles cantam o verde, a noite e o inverno que se aproxima. Solo do rouxinol. Dueto rouxinol/andorinha: o amor. Vocal: Carvalho, Lagarto e Andorinha.)

LAGARTO: (Falando, ainda com fundo musical) Brrr! Esta conversa está me matando de frio, Rouxinol!

PIRILAMPO: Pudera! Não é tempo de sol!

ANDORINHA: Em outras paragens, no entanto, o sol cobre as verdes palmeiras, gaivotas apanham peixes peixes dourados, os crocodilos se deitam na lama e minhas irmãs constróem seus ninhos

ROUXINOL: Mas você ainda está aqui, andorinha...Por que?

CARVALHO: Ora, que pergunta! Não quer abandonar seu rouxinol!

ANDORINHA: Shhhhh!

TODOS: Ahhhhh!

LAGARTO: Eis porque vive voando à sua volta roçando a água com a ponta das asas!

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ANDORINHA: É meu modo de cativar...

ROUXINOL: É uma galanteadora nossa andorinha. Está sempre a cortejar a brisa e, quando alguém passa, faz-lhe as mais delicadas medidas e sopra seu canto mais doce.

ANDORINHA: Doce é o seu canto, rouxinol. Sua voz enche os laranjais à noite tão suavemente que a lua as vezes se inclina para ouvi-lo.

Todos voltam a cantar.

(Uma cabana na floresta. A lareira está acesa. O pai está na janela, o estudante na mesa sonhando acordado.)

PAI: Uma andorinha no inverno! Realmente um fenômeno notável! (Observa o filho) Que é que você tem, meu filho? Parece tão inquieto e distraído...

ESTUDANTE: Nada demais, papai.

PAI: Sua cabeça anda nas nuvens. Você sempre foi tão aplicado. Por que não consegue se concentrar nos estudos?

ESTUDANTE: A filha do professor?

PAI: (Apreensivo) O que tem ela?

ESTUDANTE: Seu sorriso não sai de minha cabeça. É sem dúvida a mais linda criatura que meus olhos já viram! Duvido que exista alguém tão formosa quanto ela em todo o mundo!

PAI: Quando se encontraram?

ESTUDANTE: No concurso de poesia. Ela me atirou uma rosa vermelha e me devolveu o mais meigo dos sorrisos. Meu coração disparou. Não consegui desviar meus olhos dos seus. (Mostra) Só pude levar a flor branca de encontro aos lábios, levando a mão ao coração e dobrando um joelho diante dela...como um escravo! (Acorda) Amanhã eu vou lá, pai...Quero vê-la!

PAI: E os estudos?

ESTUDANTE: Ah, estou cansado de estudar! A vida não se aprende nos livros!

PAI: Que espera que eu lhe diga? Quem sou eu para saber dos mistérios da vida? Um pobre lenhador que não ganha o bastante para comprar velas que iluminem seu quarto

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

para que não gaste seus olhos com tanta leitura... Mas de uma coisa eu sei...Essa menina não serve para você. Acho que devia esquecê-la agora para não chorar depois.

ESTUDANTE: Não, nunca! Ela me ama!

PAI: Ela disse isso?

ESTUDANTE: (Vacilante) Não...Ainda não. Mas vai dizer!

PAI: Meu filho... A vida é para os ricos, não para gente como nós.

ESTUDANTE: Ora, pai! Até quando vamos lastimar nossa própria miséria?

PAI: Essa menina tem modos da corte, sonhos dourados...Nós somos gente simples da floresta. Nunca estivemos num palácio em toda a nossa vida!

ESTUDANTE: E daí? Embora jamais tenha estudado em uma corte, sei uma porção de coisas maravilhosas! Conheço o pio de cada pássaro, o rastro de todos os animais! Sei seguir a pista da lebre pelas suas pegadas e a do urso pelas folhas pisadas.

PAI: Não basta, filho meu! É preciso berço!

ESTUDANTE: Sei onde as pombas constróem seus ninhos. Ela vai gostar delas. Delas e dos coelhos que correm entre as samambaias, dos ouriços enrolados em bolas espinhentas e das tartarugas que se arrastam lentamente sacudindo a cabeça e beliscando as folhas novas. Sim, eu tenho certeza! Ela vai adorar vir a floresta brincar comigo!

PAI: É uma vida monótona. Ela prefere o burburinho da corte!

ESTUDANTE: Pois terá o burburinho das árvores, dos lenhadores que passam em busca de madeira, dos caçadores de falcões que sobem as montanhas envoltos em suas capas de veludo. Na época da colheita, ela se encantará com os pisadores de uva, cujas mãos e pés cor de púrpura fazem o mais saboroso dos vinhos; à noite festejará com os carvoeiros que, sentados em voltas de imensas fogueiras, contam histórias assando castanhas na brasa!

PAI: Tomara, filho. Mesmo assim, se eu fosse você, voltava aos livros. Só eles podem fazer de você algo mais que um lenhador.

ESTUDANTE: Vou tentar, pai. Mas mesmo o calor que sinto ao ler os mais lindos contos de Oscar Wilde não se comparam ao fogo que arde em meu peito quando penso nela.

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

(Canção do estudante).

ESTUDANTE:

Seus cabelos são como um veio de ouro
e cada fio dourado brilha como um pequeno tesouro.
O corpo é como o branco marfim
ondeia e solveja tal qual uma sereia
cortejada por gaivotas e delfins.
Tão formosa ela é que, ao vê-la,
ai de mim!
Meu peito se enche de assombro
e, ferido,
queda como encantado
aos seus pés
para sempre rendido
e enamorado

(Manhã. No jardim da filha do professor. as flores cantam).

(Entrada da menina que sola o seu tema).

MENINA:

A menos que seja rico, nobre ou doutor
a ninguém adianta ser encantador.
Mais vale ter uma renda certa
e esperta
do que ser fascinante
Letrado, educado, galante.
Esta é uma grande verdade da vida:
melhor que ter bom coração é ser bem nascida.
Veja o caso do príncipe e senhor desta cidade.
Nunca disse uma frase brilhante, é verdade
Tampouco é bem apessoado
Seu perfil não é delineado
os cabelos não são anelados
tampouco tem olhos castanhos ou cinzentos -
pra que? seria muito atrevimento,
já que possui dentre todos o maior encanto
(e que encanto!):
o de saber ganhar dinheiro!
Mas tanto, que chega a ser um espanto!
Guinéus, soberanos e xelins
moedas de ouro e prata



O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

correm pelas suas mãos
numa cascata sem fim.

MENINA: Bom-dia, meninas! Bom-dia!

VIOLETA: Hum...ela hoje acordou de bom humor!

JASMIM: Ora, viva! Seremos bem tratadas, Tulipa!

TULIPA: Já não era sem tempo, Jasmim!

MENINA: E que lindo dia! Pena que vocês não possam admirá-lo!

(Lírio Pobre pequena! Apesar de bem apanhada, é burrinha que só ela).

GERANIO: Tadinha, Lírio...está convencida de que não podemos ver nem sentir!

MENINA: Decerto o dia acordou assim em honra ao baile real!

VIOLETA: Baile real? Que baile é esse, Lírio?

LÍRIO: Ainda não soube, Violeta?

VIOLETA: Não. Nunca ninguém me diz nada. Sou sempre a última a saber.

TULIPA: Shhh! Querem me deixar ouvir?

MENINA: Espero que o meu vestido fique pronto a tempo! Mandei bordá-lo com flores da paixão, mas já estou ficando preocupada, porque essas pobres costureiras são tão indolentes!

GERANIO: Indolentes?

JASMIM: Preguiçosos, Gerânio. Como você.

MENINA: Finalmente conhecerei o palácio do rei, todo feito de âmbar, o telhado cor de esmeralda, o pavimento brilhante de pérola. Posso me ver subindo as escadarias (Sobe)... Lá em cima, dois pajens de libré amarela e preta abrirão as portas que me conduzirão ao interior do palácio. Deve ser ainda mais lindo por dentro!

MAGNOLIA: Se é!

VIOLETA: (Despeitada) Como é que você sabe, Magnólia?

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

MAGNOLIA: Ora, Violeta...Já estive lá!

TULIPA: Shhhh!

MENINA: Cortinas bordadas de veludo preto, franjadas de pérolas, salpicada de sóis e estrelas, enfeitadas de tulipas de prata!

TULIPA: Tulipas?

MAGNOLIA: De prata?

GERANIO: (Vingando-se) Shhhh!

MENINA: Salas brilhantes, paredes de damasco cor de rosa decoradas com pássaros e pontilhada de delicados papagaios e pavões!

JASMIM: Vivos?

LIRIO: Claro que não, Jasmim.Mortos. Empalhados.

VIOLETA: Cruzes! Não me parece nada animador esse castelo! Parece uma floresta artificial!

TULIPA: Talvez para você, Violeta, que dá em qualquer lugar e não está habituada com a realeza.

VIOLETA: Pelo menos sabem de onde vim...não tenho origem obscura..

TULIPA: Origem obscura, eu?

MENINA: Após o suculento banquete real, um torneio de artistas saltimbancos e o teatro de marionetes!

VIOLETA: Ai, eu me emociono tanto com esse teatrinho! Os dramas são tão reais!

MAGNOLIA: Reais? Aqueles horríveis bonecos feitos de madeira e cera colorida? Acredita realmente que sejam tão infelizes e sofram tamanhas desventuras?

MENINA: Depois, o baile, quando finalmente os casais dançarão juntos a dança da rosa ao som da flauta tocada pelo rei!

LIRIO: Ih...dizem que ele toca mal!...

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

GERANIO: Quem dizem?

LIRIO: Todo mundo sabe. Só que ninguém se atreve a dizê-lo porque é o Rei!

JASMIM: Verdade. Parece que o pobre só conhece duas canções, no máximo.

TULIPA: E nunca se sabe ao certo qual delas está tocando.

MAGNOLIA: O que não tem a menor importância. Tocando bem ou mal todos aplaudem de pé e bradam "Bravo! Bravo!"

MENINA: Depois, um maravilhoso espetáculo de fogos de artifício! Que, como toda gente sabe, são muito mais naturais do que as estrelas. Pelo menos a gente sempre sabe quando vão aparecer!

(O estudante, que tudo ouvia, invade a cena.)

ESTUDANTE: Não concordo...(susto da menina) Eu não trocaria o brilho das estrelas por todas as pérolas do reino.

MENINA: Quem é você? Desde quando está aí?

ESTUDANTE: Não lembra de mim? O estudante que venceu o concurso de poesia da aldeia.

MENINA: Ah...o aprendiz de poeta!

VIOLETA: O filho do lenhador!

MAGNOLIA: Mas é muito atrevimento! Como ousou ultrapassar este portão?

GERANIO: É realmente pobre demais para sequer pôr os pés em nosso jardim!

ESTUDANTE: Cheguei a pouco e confesso que estou surpreso com o que ouvi. Você fala como se as cerimônias da corte fossem esplendoras.

MENINA: E não são?

ESTUDANTE: Ao contrário. Pelo que eu sei, costumam ser terrivelmente enfadonhas. Como pode querer trocar a liberdade da existência na floresta pelas cerimônias tediosas da corte? Vai sentir falta daqui.

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

MENINA: Não diga bobagem. Um salão é muito mais esplêndido do que a floresta inteira! Há muito mais brilho em todos os recantos! Lá até o chão é feito de pedras coloridas! Os corredores estão repletos de estátuas gigantescas...

ESTUDANTE: ...de olhos tristes, coração de pedra, sem vida...Já a floresta...

MENINA: Ora, que me importa a floresta? Prefiro o suntuoso palácio, os leões de bronze esculpidos nas escadarias, os degraus cintilantes! Quando estiver morando lá, não me cansarei de correr de um quarto a outro, atravessando corredores...

ESTUDANTE: Se você prefere viver encerrada, sozinha, como numa prisão...

MENINA: Sozinha, como? Uma princesa vive cercada por pajens reais louros, de olhos azuis, cobertos de mantos flutuantes! Pisarei em tapetes de seda e beberei em taças delicadas de cristal. De manhã, as camareiras perfumarão minhas mãos com águas de rosas, à noite espalharão flores sobre meus travesseiros de cetim.

ESTUDANTE: E de que serve tanta realeza? Exatamente como nós, filhos de gente pobre, os príncipes celebram um único aniversário por ano. Além do mais, a uma princesa não é permitido divertir-se tanto na presença de seres inferiores, sabia? E como lhe é proibido brincar com pessoas que não são da sua condição, ela acaba sempre brincando sozinha.

MENINA: Não me importa. A beleza cura toda solidão! Terei longos vestidos de brocado com caudas cintilantes, jóias finas e sobretudo verdadeiras. Mas espere aí...decerto não foi para isto que o (Irônica) talentoso filho do lenhador teve o trabalho de vir até aqui...

ESTUDANTE: Certamente que não. Vim retribuir a gentileza e convidá-la para ir comigo ao baile.

MENINA: Eu, ir ao baile com você? Não, sinto muito, não posso.

ESTUDANTE: Por que não sou príncipe?

MENINA: Não...não é isso...é que...

ESTUDANTE: Vamos, não seja teimosa. Sou um estudante dedicado. Posso não ser rico ou poderoso, mas um dia serei sábio.

MENINA: Bom pra você!

ESTUDANTE: Deixe-me então ter o privilégio de ser o seu par na dança da rosa...

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

MENINA: E por que deixaria?

ESTUDANTE: Porque te amo.

MENINA: Ah, sim? Ora, não seja infantil!

ESTUDANTE: Por favor...uma dança só...só uma!

MENINA: Está bem...Mas tenho uma condição...

ESTUDANTE: Qual? Diga!

MENINA: Quero que você me traga uma rosa vermelha.

ESTUDANTE: Uma rosa? Só uma rosa?

MENINA: Sim, mas tem que ser vermelha. Agora com licença, tenho que entrar.

ESTUDANTE: Ah, não! Fica mais um pouco!

MENINA: O sol está demasiado quente. Não é conveniente para uma moça fina como eu permanecer tanto tempo aqui fora, no sereno. (Entra)

ESTUDANTE: Eu acho essa rosa vermelha...nem que para isso tenha que caminhar até a cidade! (Música à procura da rosa) Ah, como é bom estar apaixonado! E por uma mulher mais formosa que a estrela da manhã e mais alva do que a Lua! Por seu amor eu daria a minha vida!

(Ele procura a rosa, os animais vêm à cena).

ROUXINOL: Puxa...Quem será a dona de tão apaixonado coração?

CARVALHO: A filha do professor!

BORBOLETA: Aquela menina bestinha que mora cercada por um lindo jardim?

TOUPEIRA: Um lindo jardim repleto de flores igualmente bestinhas.

ANDORINHA: As plantas também?

LAGARTO: Puxaram a dona, coitadas...

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

TOUPEIRA: Coitado do estudante...enamorar-se por tal criatura...

ESTUDANTE: A sua beleza é feita de tantos mistérios. É como se o seu rosto guardasse um segredo. E o sorriso? Brinca entre os lábios ... nunca diz sim nem não...

LAGARTO: Ih...esse negócio de nunca dizer sim nem não...

TOUPEIRA: Tá na cara que não.

ANDORINHA: (Indireta para rouxinol)Vai ver seu coração pertence a outro...

ROUXINOL: Será? Pobrezinho!

CARVALHO: E por que não lhe diz claramente?

BORBOLETA: Para o caso de não arrumar outro que a leve ao baile. Daí fica cozinhando o pobre coitado em banho maria.

LAGARTO: Não tem tu, vai tu mesmo!

TOUPEIRA: Pobre infeliz. Parece-me horrível que alguém possa ser tão desgraçado!

BORBOLETA: Ah, um momento! Ela pode até ser bonitinha...mas ele não é de se jogar fora não.

TOUPEIRA: E aquelazinha por acaso está interessada em boniteza? Ela quer é jóia, sombra e água fresca!

LAGARTO: E quem não quer?

ANDORINHA: Você fala como se a conhecesse, Toupeira...

TOUPEIRA: Eu conheço os homens pelo olhar, Andorinha. Se conheço. Aquela menina tem maneiras de rainha. Um queixo atrevido, um modo petulante de erguer a cabeça...E a boca? E a boca? Apesar de formosa, tem traços voluntariosos.

ESTUDANTE: Foi como um relâmpago. Ela me fascinou instantaneamente! De hoje em diante, só hei de pensar nela, pois apaixonei-me louca, estúpida e perdidamente por ela!

TOUPEIRA: Pronto. Pronto. Está entornado o caldo.

ROUXINOL: Ah, o amor! Como é lindo!

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ANDORINHA: (Olhando fascinada para o rouxinol) Sim, como!

TOUPEIRA: Lindo. Muito lindo. Mas, se pudesse, o alertaria para o fato de que as arrebatadas e coloridas alegrias da vida de casado não compensam o desespero do fim!

BORBOLETA: Cruzes! Como alguém pode ser tão pessimista?

TOUPEIRA: Experimente viver cavando a terra. Experimente.

ROUXINOL: Eu acredito no amor. "Onde ele está? Dize-me em que floresta e cavalgarei com ele; se dorme, diga-me em que leito e velarei por ele; se bebe, se o vinho for doce, beberei com ele e, se for amargo, beberei também."

CARVALHO: Quem disse isso?

ROUXINOL: Oscar Wilde.

(Novo solo do rouxinol anuncia a chegada da noite. Luz. Cena.)

LAGARTO: Boa noite, Rouxinol! Que frio, hem?

TOUPEIRA: Um tempo monstruoso! Monstruoso! Que faz o governo que não toma providências?

ANDORINHA: (Admirada com a neve) Quanta neve!

ROUXINOL: É que a terra vai se casar e este é o seu vestido de noiva, Andorinha!

BORBOLETA: Minhas asas estão inteiramente queimadas de frio!

CARVALHO: Eu não me atrevo sequer a olhar para fora. O gelo faz estalar cada um dos meus galhos.

ANDORINHA: Ora, pessoal! Por que não tentam encarar a questão por um prisma romântico, como o Rouxinol?

TOUPEIRA: Bobagem! Bobagem! Tudo culpa do governo!

ANDORINHA: Ai, Toupeira! Que modos grosseiros!

TOUPEIRA: Não sou grosseira, filhinha, sou realista. Realista. Eis porque sempre disponho de um bom argumento.

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ANDORINHA: Sabiam que a água do brejo congelou? Incrível! E eu que nunca tinha visto neve...

TOUPEIRA: Agora que já viu deveria dar-se por satisfeita e voltar para junto dos seus.

CARVALHO: Sim, Andorinha...a neve é cruel para os que lhe dormem nos braços.

ANDORINHA: Sempre gostei de viajar e de experimentar coisas novas. Aprimora o espírito e destrói os nossos preconceitos. Deveria tentar, toupeira.

TOUPEIRA: Já viajo demais debaixo da terra. Demais.

ANDORINHA: A floresta não é o mundo, toupeira...O mundo é um lugar enorme e você levaria mais do que a sua vida para conhecê-lo todo.

TOUPEIRA: Devagar se vai ao longe. Depois, o sítio que se ama é o mundo da gente.

O menino aparece lastimando sua falta de sorte.

ESTUDANTE: Amanhã...amanhã à tarde começam os festejos reais...e eu ainda não tenho a rosa vermelha!

CARVALHO: Uma rosa vermelha? Em pleno inverno? Mas é como procurar uma agulha num palheiro!

ESTUDANTE: Disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse rosas vermelhas...mas em toda a floresta não há uma sequer! Nenhuma rosa vermelha em toda a floresta!

CARVALHO: Olhe, Rouxinol! Seus belos olhos se encheram de lágrimas. Está chorando!

ANDORINHA: Amargamente, pobrezinho!

LAGARTO: E por que tanto escândalo, hem? Posso saber?

TOUPEIRA: De fato, por que tanto berreiro? Por que?

CARVALHO: Vocês não ouviram? Chora por causa de uma rosa vermelha!

LAGARTO: Por causa de uma rosa vermelha? Mas que coisa mais ridícula!

BORBOLETA: Sim...com tanta margarida e violeta dando sopa por aí...

LAGARTO: E cada uma mais linda que a outra!

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

TOUPEIRA: O homem é mesmo um bicho estranho. Muito estranho. Chora por cada coisa!

ROUXINOL: Não está chorando por causa de uma rosa...chora por causa do amor.

LAGARTO: Pronto! Lá vem ele!

CARVALHO: É seu assunto favorito, o amor!

TOUPEIRA: Podia mudar um pouco para variar...Está se tornando repetitivo.

BORBOLETA: (Baixo pros colegas) Olha quem fala...

ANDORINHA: Repetitivo, o rouxinol? Nunca!

LAGARTO: Você é suspeita pra falar!

TOUPEIRA: Além do mais, o amor já está fora de moda. Fora de moda. Os poetas o mataram. Escreveram tanto a seu respeito que já ninguém acredita nele, o que não me surpreende, aliás. O verdadeiro amor sofre e é mudo.

ANDORINHA: (Cheia de suspiros em direção ao rouxinol) É verdade...

TOUPEIRA: Eu mesma me lembro de uma vez...

LAGARTO: Okay, okay...conte a história de sua vida mais tarde, boneca.

TOUPEIRA: Sim...isto agora não interessa. Que importa a vocês que eu tenha o coração partido? O romance é coisa do passado! É coisa do passado!

CARVALHO: Por que você sempre repete a mesma coisa, Toupeira?

BORBOLETA: Porque que ela acredita que assim pode acabar se tornando realidade.

CARVALHO: Toliche! O romance não morre. É como a lua e vive para sempre.

ESTUDANTE: (Cansado de procurar a rosa) Ah! A felicidade depende de coisas tão pequenas! Li tudo o que escreveram os sábios, detenho todos os segredos da filosofia, e, no entanto, por causa de uma simples rosa vermelha, minha vida torna-se desventurada!

ROUXINOL: Eis finalmente um verdadeiro enamorado!

TOUPEIRA: Hum, pois sim! Isso é o que você pensa!

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

LAGARTO: É um poeta! Fala como se estivesse escrevendo!

ROUXINOL: (Sonhador e encantado) Noite após noite, tenho cantado a seu respeito; e, mesmo sem conhecê-lo, tenho contado sua história às estrelas. Noite após noite. Agora ele está aqui, à minha frente. Poderia tocá-lo, se pudesse. Tem o cabelo negro como o jacinto e os lábios vermelhos como a rosa que ele tanto deseja. A paixão, porém, deixou-lhe a face pálida como o marfim...

LAGARTO: ... e a tristeza já se encarregou de pôr-lhe uma ruga na testa! É o que dá sofrer por amor!

BORBOLETA: Quem ama não sofre!

TOUPEIRA: Só se for você, que ama Deus e o mundo! Mas coitado daquele que se perder de amores por uma borboleta!

ANDORINHA: (Apaixonada) ...ou por um rouxinol.

CARVALHO: Psss! Lá vem ele de novo!

ESTUDANTE: O baile é amanhã à noite e ela estará lá. Se eu lhe levasse uma rosa vermelha, uma só, dançaria comigo até o amanhecer. Uma só rosa vermelha e eu a teria em meus braços, a cabeça reclinada em meu ombro, a mão apertada na minha... Mas não há uma única rosa vermelha em toda a floresta!

TOUPEIRA: Arre! Até quando vamos ter que aturar essa ladainha?

ANDORINHA: Não seja implicante, Toupeira!

ESTUDANTE: Passarei o baile inteiro sozinho. Não tirarei ninguém para dançar, pois só ela me interessa. Justo ela, que passará por mim sem me ver, despedaçando o meu coração!

ROUXINOL: Sim! Eis, realmente, um verdadeiro enamorado!

BORBOLETA: Um pouco dramático pro meu gosto...

CARVALHO: Falou a insustentável leveza do ser.

ROUXINOL: Do que eu canto, ele sofre; o que é alegria para mim, para ele é tormento, aflição. Ah, o amor é uma coisa maravilhosa!

LAGARTO: O amor é uma flor roxa que nasce no coração de um trouxa! (RI)

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ROUXINOL: (Como se não o ouvisse) Mais precioso do que as esmeraldas e mais caro do que as mais finas e raras pedras preciosas. Não há quem possa comprá-lo; tampouco está à venda no mercado. Não pode ser adquirido, nem pesado na balança em troca de ouro.

LAGARTO: Esse sim é um apaixonado. É pior do que o estudante!

ANDORINHA: Mas não ama ninguém, só o amor.

TOUPEIRA: Quer um conselho, Andorinha? Esquece. Isso aí não vai a lugar nenhum.

BORBOLETA: Seu derrotismo é que não vai a lugar algum! Como pode ser tão amarga?

TOUPEIRA: Sabe o que é, filhinha? Comigo é pão pão queijo queijo.

LAGARTO: Você quer dizer chão chão brejo brejo.

CARVALHO: Shhh! Deixem-me ouvir o rapaz!

ESTUDANTE: Os músicos se sentarão na galeria e tocarão seus instrumentos de corda. Minha amada dançará ao som da harpa e do violino. Dançará tão levemente que seus pés não tocarão o solo. Os cortesãos, de trajes vistosos, se aglomerarão à sua volta, admirados. Mas comigo ela não dançará, pois não tenho rosa vermelha para dar-lhe. (Senta e chora)

ROUXINOL: "O amor é melhor do que a sabedoria, mais precioso do que as riquezas, mais belo do que os homens e mais nobre do que os reis. Os fogos não podem destruí-lo, nem pode apagá-lo as águas."

LAGARTO: Olh, não me levem a mal...tudo bem que o amor seja lindo, maravilhoso, tentador...mas também não vamos exagerar!

TOUPEIRA: Aliás, se fosse assim tão lindo não deveria fazer ninguém chorar.

ROUXINOL: É que ele ainda não aprendeu que mais importante que ser amado é amar!

CARVALHO: Reflexões sobre o mistério do amor. Deveria escrever um livro, Rouxinol.

ROUXINOL: Faço isso todas as noites, Carvalho. Mas nem todos compreendem a minha linguagem feita de música. (Sai voando)

TOUPEIRA: Pronto! Lá vai ele cantar noutra freguesia.

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ANDORINHA: Eu compreendo, Rouxinol. Muito mais do que imagina. Mas você sequer me olha. Não ama ninguém, além do amor.

BORBOLETA: E você é caidinha por ele, hem, Andorinha?

ANDORINHA: Bem...digamos que ele faça o meu tipo...

CARVALHO: Por que não se declara de uma vez?

ANDORINHA: Sou uma andorinha recatada. Não gosto de bancar a oferecida.

CARVALHO: Depois, é preciso ter olhos para ver.

ANDORINHA: Onde será que ele foi dessa vez?

CARVALHO: Sabe Deus?

BORBOLETA: Sempre tão misterioso!

(Luz. O rouxinol estaca diante de uma roseira branca.)

ROUXINOL: Boa noite, linda roseira!

BRANCA: Boa noite, Rouxinol. Que deseja?

ROUXINOL: Uma rosa vermelha. Dá-me uma rosa vermelha e cantarei minha mais melodiosa canção!

BRANCA: Como? Olhe bem para mim e veja se tenho aparência de quem brota rosas vermelhas, passarinho!

ROUXINOL: Mas...

BRANCA: Minhas rosas são brancas! Brancas como a espuma do mar! Branca e mais branca do que a neve que cai sobre a montanha!

ROUXINOL: Sim, mas...

BRANCA: Dizem que pareço uma princesa russa vinda da Finlândia num trenó em forma de cisne puxado por seis renas.

ROUXINOL: Como Papai Noel.

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

BRANCA: Sou pálida como um palácio de neve e, ao passar pelas ruas, envolta num buquê, toda a gente se maravilha.

ROUXINOL: Sim, é verdade, eu inclusive. O fato é que...

BRANCA: Sou pura e casta e, por isto vou logo avisando: não gosto de me misturar com qualquer um! Se ainda assim, insistir em me levar, eu...

ROUXINOL: Eu adoraria. Mas preciso de uma rosa vermelha.

BRANCA: (Desprezo) Rosas vermelhas despertam paixões.

ROUXINOL: Por isso mesmo!

BRANCA: Paixões despertam cobiça, inveja, ciúme, traição.

ROUXINOL: Nem sempre.

BRANCA: Acho-as vulgares e mundanas e só se prestam mesmo aos amantes. Já eu não...Sou da cor da neve, das nuvens, das espumas que adornam as ondas do mar. Serenidade, repouso, beleza, castidade. Vivo um mundo tranquilo, sem vitórias ou derrotas. Sem guerras ou paixões. Por isso, eu, se fosse você, não pensava duas vezes: levava uma de minhas flores.

ROUXINOL: Não desejo ofendê-la, mas tudo o que eu preciso é de uma rosa vermelha.

BRANCA: Que se há de fazer? Gosto não se discute.

ROUXINOL: Não sei o que fazer, onde procurar, a quem recorrer...Se alguém pudesse me ajudar...

BRANCA: Bem...já que parece tão importante...por que não vai até minha irmã, que cresce à volta do relógio? Talvez ela lhe dê o que procura.

ROUXINOL: Verdade? Oh, muito obrigado, dona Rosa!

BRANCA: Não tem de quê. Passar bem.

(Ele torna a solfejar seu canto até encontrar a rosa rosa).

ROUXINOL: Ei-la! Bom dia, Rosa!

ROSA: Bom dia, Rouxinol. Deseja alguma coisa?

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ROUXINOL: Uma rosa vermelha! Dá-me uma rosa vermelha e cantarei minhas mais melodiosa canção!

ROSA: Uma rosa vermelha?...

ROUXINOL: Sim!

ROSA: Por acaso é míope ou cego, Rouxinol?

ROUXINOL: Eu? Bem, eu...

ROSA: Não está vendo que minhas rosas são róseas como a pele do príncipe?

ROUXINOL: Claro. Na verdade eu...

ROSA: Não, não! Tampouco sou violeta ou lilás, amarela ou púrpura, bege ou creme. Sou rosa ... rosa. A mais pura dentre todas as rosas, já que possuo a cor em meu próprio nome.

ROUXINOL: No entanto eu...

ROSA: Sim, eu sei! Sei que a rosa branca se considera a mais pura dentre as puras, mas sua opinião não me interessa. E pouco se me dá se os pobres mortais chamados homens, a quem foi dado o tormento de pensar e sonhar, não me dêem o devido valor e respeito. O que importa é o que eu penso. Não devemos nunca nos preocupar com a opinião alheia.

ROUXINOL: Concordo. Em todo caso...

ROSA: Se me importasse, não seria Rosa e sim Maria Vai Com as Outras. Ou, pior: não passaria de uma flor invejosa como as demais de minha estirpe. Claro que eu sei que os homens preferem rosas vermelhas cor de sangue para enviar as suas amadas, mas pensa que eu ligo? Amigos costumam se presentear com rosas brancas ou amarelas, eu sei, mas eu não estou nem aí. (Dá de ombros) Nem te ligo. Melhor nascer, crescer e morrer intacta nos jardins que ser cortada brutalmente para enfeitar lapelas, cachos de cabelos ou vasos de plantas. Assim fico quietinha em meu canto, sem que ninguém me perceba, ninguém me note. Sabia que é impressionante como consigo passar despercebida?

ROUXINOL: Não é bem assim. Eu mesmo...

ROSA: Pensa que eu ligo? Eles passam e tornam a passar. É como se eu não existisse. Mesmo que eu exale o mais suave dos aromas, ou exiba a mais rósea das pétalas, eles me ignoram. Ou melhor, fingem me ignorar. Puro fingimento. As criaturas humanas, além de falsas, invejosas e mesquinhas, são fingidas. Felizmente, eu me basto. Não preciso de

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ninguém para viver. A não ser de água, ar e terra. E isso, graças aos céus, ainda temos em fartura. Embora esse animal racional chamado homem, esse bicho do mato, esteja fazendo do coração tripas para poluir os únicos bens que nos restam.

ROUXINOL: Você está cheia de razão, dona Rosa. Mas o fato é que preciso desesperadamente de uma rosa vermelha. Uma só.

ROSA: Pena.

ROUXINOL: Longe de mim querer aborrecê-la, mas...talvez pudesse me dar alguma pista...

ROSA: Sinto muito, mas não posso ajudá-lo. (Ele vai saindo, ela muda de ideia) Quem sabe minha prima possa fazer algo por você, Rouxinol?

ROUXINOL: Sua prima?

ROSA: Ela cresce defronte ao palácio do rei.

ROUXINOL: Obrigado, linda flor. Muito obrigado.

(Novo canto até o encontro com a rosa amarela).

ROUXINOL: Alô, minha bela! Dê-me uma rosa vermelha e eu...

AMARELO: Um momento, meu caro, um momento! Talvez, em sua aflição, não tenha percebido que minhas rosas são amarelas! Tão amarela quanto os cabelos da sereia que senta sobre o trono de âmbar! Mais amarela que o narciso silvestre que floresce no prado antes que o ceifador venha arrancá-la com a sua foice!

ROUXINOL: Perdão, não quis ofendê-la, mas...

AMARELO: Amarela, sim, mas pode me chamar de dourada. Coisa de berço, naturalmente. Nem todas têm a sorte de ter nascido com sangue azul. Eis porque nasci e cresci amarela. Da cor do sol que ilumina e dá vida a todas as criaturas. E embora minhas co-irmãs tenham sangue plebeu, me dou bem com elas, pois, como rosas, são filhas de reis - mas reis que se encantaram por camareiras, pajens, cortesãos de pequeno porte ...Não são, portanto, puras, já que não possuem origem, berço. Sangue misturado, entende?

ROUXINOL: Sim, claro, embora eu discorde ...

AMARELO: Não, não me considero preconceituosa. Apenas dou muita importância à

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

tradição, à família. Minha descendência é antiga. De reis, baronesas, duquesas, infantes. Frequento os mais nobres salões, desde a Idade Média. Bons tempos aqueles! Quando reis eram reis e plebeus, plebeus. Hoje é uma mistura danada. Falam comigo como se eu fosse uma qualquer.

ROUXINOL: Perdão, não pretendia...

AMARELO: Mas, por favor! É só olhar para mim para saber que não se trata de uma qualquer. Se tem uma coisa que me deixa danada é me colocarem enfeitando casa de operário, trabalhador, gatinha da classe média... É natural que não fique nem um pouco à vontade num ambiente desses. Eu, que servi a Imperadores, Reis, Príncipes, soberanos de todos os reinos. Tenho que manter minha dignidade, entende?

ROUXINOL: Sim, claro. Eis porque ...

AMARELO: Não choro em público, não rio em voz alta, não falo com estranhos, não dou ouvidos a qualquer um. Pum e burp nem pensar! Na corte, é melhor prender e inchar, que soltar. Enfim, já deu para notar que, além de bem nascida, sou muito bem educada.

ROUXINOL: Talvez então possa me dizer onde encontrar uma rosa vermelha. Para aproximar dois corações que foram feitos um para o outro.

AMARELO: Uma rosa vermelha...Claro. Só podia ser. Não é do meu feitio me envolver em aventuras amorosas. Nem ficaria bem sair por aí saracoteando entre casais. Paixões nunca me seduziram. O que me seduz é o belo. O perfeito. A arte pura e majestosa. Por que não tenta uma papoula?

ROUXINOL: Não serve.

AMARELO: Então, passar bem. (Vira-lhe as costas para logo depois pigarrear ao perceber o desalento do rouxinol) Todavia, por que não vai até minha irmã, que cresce sob a janela da filha do professor? Talvez ela possa dar a você o que deseja.

ROUXINOL: A filha do professor? Como não pensei nisto antes? (E sai)

AMARELO: Viram o mau agradecido? Incapaz de dizer um obrigado. É o que dá me envolver com gatinha!...

(Rouxinol se aproxima da futura rosa vermelha).

ROUXINOL: (Inicia a sua abertura) Dá-me uma rosa vermelha e eu cantarei para você a ... (Cai em si) Um momento! Por acaso estou falando com uma roseira vermelha?

VERMELHA: Sim, está.

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ROUXINOL: Oh, finalmente!

VERMELHA: E você, quem é? O que quer de mim?

ROUXINOL: Sou um rouxinol e preciso de uma rosa vermelha! Uma só! Dá-me uma rosa vermelha e eu cantarei minha mais melódica canção!

VERMELHA: Sim, minhas rosas são vermelhas, Rouxinol...Tão vermelha como os pés da rola e mais vermelha que os grandes leques de coral que ondulam nas cavernas oceânicas.

ROUXINOL: Oh, graças aos céus!

VERMELHA: O inverno, contudo, enregelou-me as veias, a geada queimou-me os botões, a tempestade partiu-me os ramos e, de modo algum, terei rosas este ano!

ROUXINOL: (Desesperado) Não é possível! Tudo quanto desejo é uma rosa vermelha! Apenas uma rosa vermelha! Não há um modo pelo qual eu possa consegui-la?

VERMELHA: Sim, há. Mas é tão terrível que não ousa dizer.

ROUXINOL: Por favor, diz. Não tenho medo.

VERMELHA: Tem certeza?

ROUXINOL: Sim, tenho.

VERMELHA: Para obter uma rosa vermelha, Rouxinol, terá de plasmá-la com música, ao luar...

ROUXINOL: Ora, isto não é problema!

VERMELHA: Não terminei...

ROUXINOL: Perdão...

VERMELHA: Terá de plasmá-la com música, ao luar, e tingi-la com o sangue de seu coração.

ROUXINOL: O...o sangue do meu...meu coração?...

VERMELHA: Sim, do seu coração. Terá de cantar para mim com um espinho enterrado no peito durante toda a noite.

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ROUXINOL: Um espinho...enterrado no peito...

VERMELHA: Durante toda a noite. E o espinho deverá atravessar-lhe o coração.

ROUXINOL: Está dizendo que...Devo morrer, então? Mas por que?

VERMELHA: Não quer uma rosa vermelha?

ROUXINOL: Para tê-la, é preciso morrer?

VERMELHA; O sangue necessário à sua vida é que há de corar minhas pétalas. Seu sangue terá de transferir-se para as minhas veias e tornar-se meu.

ROUXINOL: Ora, dona Rosa ..a vida é um bem muito precioso. Não acha a morte um preço alto demais para uma rosa vermelha?

VERMELHA: Depende de quem paga. Depende de para que está pagando. Só você, Rouxinol, pode saber se este preço que acredita tão alto vale a pena ser pago.

ROUXINOL É grato sentar-se no bosque verdejante e observar o sol percorrer o céu em seu carro triunfal dourado e admirar a lua deitada em seu coche de pérola.

VERMELHA: Iguamente gratificante é sentar-se no bosque em flor e observar encantado a rosa brotando lentamente, pétala por pétala. Vermelha como o rubi e as chamas do vulcão.

ROUXINOL: Doce é o perfume do espinheiro; doce os jacintos silvestres que se encontram no vale e as folhas da colina que se curvam ao sopro do vento...

VERMELHA: Como doce é o aroma da rosa quando se abre em flor e o sorriso daquela que a recebe como uma declaração de amor.

ROUXINOL: Preciosa é a amizade do carvalho, da andorinha, dos bichos e das plantas do mato...

VERMELHA: Tudo tem um preço. Resta saber se vale a pena pagá-lo.

ROUXINOL: O amor deve ser pago com a morte?

VERMELHA: E o que é a morte senão a vida renascida?

ROUXINOL: Sim...o amor é melhor do que a vida. E que é o coração de um pássaro, comparado ao coração de um homem? (Ele vai saindo)

VERMELHA: Já vai?

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ROUXINOL: Sim. Devo me despedir.

VERMELHA: Até mais tarde, então?

ROUXINOL: Até.

(Música. Ela canta a floresta e seus encantos em despedida).

ROUXINOL: Sim...minhas asas de cor parda valem cada uma de suas pétalas rubras!

(Ele vai até o estudante que permanece tristonho).

ROUXINOL: Lá está ele, ainda deitado na relva onde o deixei! Seus belos olhos ainda guardam o vestígio das lágrimas.

(Canta para ele).

Alegria! Alegria, estudante!
De hoje em diante
nunca mais vai chorar.
Terá a sua rosa
vermelha como o seu desejo
pois tudo que almejo
é cantar e amar!
Hei de plasmá-la com música
à luz do luar
em meio as sombras da noite e da escuridão
e tingi-la com o sangue de meu próprio coração.
Em troca, estudante
só peço que seja sempre um verdadeiro amante
pois o amor é mais sábio do que a filosofia
ainda que esta seja sábia e fria
e mais forte que o poder
ainda que este seja forte como o alvorecer
Da cor do fogo são as suas asas
rubra, vermelha, escarlate
Seus lábios são doces como o mel e a maçã
e seu hálito é fresco como a brisa da manhã.

ESTUDANTE: (Ao ouvir o canto do rouxinol, ele deixa o livro de lado) Que canto lindo!
Que voz! Como pode um pequenino pássaro encher o ar e a floresta de tanta melodia?
Curioso...Parece que canta para mim...como se estivesse tentando me dizer alguma

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

coisa... Lamento, Rouxinol, mas só posso sentir sua beleza. Não posso compreender seu significado. Embora a floresta tenha me ensinado a reconhecer o canto de cada pássaro e o cheiro de cada planta, não me ensinou a sua linguagem. Além disso, só conheço o que está nos livros. E eles tampouco são capazes de decifrar a linguagem dos pássaros e das flores.

CARVALHO: Eu, porém, compreendo cada silvo, cada trinado. E meu coração está partido. Então está decidido, meu amigo? Vai se entregar em nome do amor?

ROUXINOL: Sim, meu Carvalho. Vou.

CARVALHO: E diz isso assim, com essa tranquilidade?

ROUXINOL: Foi uma decisão pensada. Não vejo porque deva estar aflito.

(Os outros bichos vão se aproximando).

CARVALHO: Não posso acreditar! Por causa de uma criatura humana você quer deixar de sentir a fragrância dos pinheiros, de ouvir o arrulho suave dos pombos do mato, de admirar o peito estufado do faisão? E a nossa floresta, cheia de pássaros cantores e flores perfumadas? Somos tão felizes aqui!

ANDORINHA: E os pequenos esquilos encarapitados nas árvores? Os macacos e pavões cujas caudas, quando se abrem ao sol, parecem discos de ouro e marfim? Os coelhos deslizando velozes por entre os ramos das moitas, os silvos das cobras, o vôo dos papagaios?

BORBOLETA: O rastejar das tartarugas adormecidas, os pequeninos pirilampos, a clara luz do sol da manhã inundando a floresta enquanto nas árvores cantam os passarinhos, seus irmãos?

CARVALHO: O hipopótamo deitado entre os caniços espiando as estrelas, os leões de urro mais forte que o rugir da catarata descendo até a margem do rio para matar a sede?

BORBOLETA: As borboletas esvoaçando com pés de ouro nas asas visitando flor a flor...

LAGARTO: Os pequenos lagartos esgueirando-se pelas fendas do muro e espreguiçando-se ao sol, quando se cansam de correr de um lado para o outro e vem estender-se na grama para descansar?

ROUXINOL: Vou sentir saudades de todos. Mas acreditem: eu vi uma estrela formosa e extremamente brilhante. Ela escorregou pelo céu, roçou as outras estrelas, e caiu atrás de

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

uma moita de salgueiros. Disseram que há um vaso de ouro para aquele que a encontrar. Só que não é de ouro, nem prata, nem tesouro de espécie alguma, entendem? É o amor!

TOUPEIRA: Eis aí um amargo fim para as suas esperanças. Pois se o amor não traz proveito para um homem, que dirá para um pássaro! Brrr! Que frio!

ROUXINOL: Em casa onde há um coração duro não entra sempre um vento gelado, Toupeira?

TOUPEIRA: Não tente desconversar!

BORBOLETA: Que tolice a sua, meu caro! Morrer quando o sol brilha tanto e toda a gente está tão feliz!

ANDORINHA: Morrer assim no esplendor da madrugada antes de vir florir as amendoeiras do pomar ou colher os frutos da velha figueira!

TOUPEIRA: E justo por causa de um menino tolo!

CARVALHO: Não é justo abandonar-nos assim. Largar nosso belo e vasto recanto, coberto de grama verde e macia. Somos felizes aqui!

ANDORINHA: Breve chegará a primavera e as flores se abrirão, cheia de cores e frutos.

BORBOLETA: As crianças, que costumam interromper seus brinquedos para escutá-lo, sentirão sua falta. Não terão mais a quem ouvir!

ROUXINOL: Não é verdade. Sempre haverá um rouxinol.

CARVALHO: Não pode abandonar-me assim, meu amigo! A quem abrigarei da chuva, do sol? A quem aquecerei com meu corpo?

ROUXINOL: É grande a floresta. São muitos os seus amigos.

CARVALHO: Quem cantará as canções que acostumei a ouvir ao cair do sol?

ROUXINOL: Outros virão, meu companheiro. Não ficará sozinho. (Silêncio)

CARVALHO: (Após uma pausa longa) Sentirei sua falta, companheiro. Como lembrança, todos os dias cuidarei do seu ninho...quem sabe ele me traga de volta a sua melodia. (Luzes vão diminuindo)

(Um foco cresce sobre a andorinha que se aproxima dele).



O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ANDORINHA: Rouxinol!

ROUXINOL: Ainda aqui, Andorinha? Com tanto frio?

ANDORINHA: Fiquei por você, a quem tanto me afeiçoei. Mas tão recheado de amor está o seu coração que não encontrei espaço por onde entrar.

ROUXINOL: Você já está aqui, Andorinha. (Aponta o coração) Só que ainda não sabia disso.

ANDORINHA: Dê-me o seu coração.

ROUXINOL: Como? O meu coração pertence ao meu amor. Com que amarei o amor se lhe der meu coração?

ANDORINHA: Não deverei amar também?

ROUXINOL: Sim. Com o seu coração. Agora, deixe-me. Preciso ir.

ANDORINHA: Que amor é esse que exige em troca o seu sangue? A sua vida?

ROUXINOL: Não temo a morte. Ela é uma transformação.

ANDORINHA: O que lhe dará em troca? Nada. Além de atirar fora o que tem, nada recebe em troca. Por que não vem comigo?

ROUXINOL: É mais forte do que eu.

ANDORINHA: Nunca mais tornaremos a nos encontrar?

ROUXINOL: Sempre. A cada canto do rouxinol, eu estarei ali.

(Ele parte. Os bichos cantam sua despedida. De sua cabana pai e filho ouvem a sonata).

ESTUDANTE: Pai! Ouça! Ele continua a cantar!

PAI: Sim...Ele e a floresta inteira!

ESTUDANTE: Sua voz é como água jorrando de uma jarra de prata!

PAI: Tão poderosa que parece vibrar os galhos do velho carvalho, veja.

ESTUDANTE: É estranho, pai...eu os sinto como se eles pudessem me entender!

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

PAI: Quem sabe, filho? Quem sabe? (O pai entra) Agora, entre. Está frio aí fora.

ESTUDANTE: Sim, tem razão. Melhor voltar aos livros.

(Luz ilumina professor e sua filha em seu jardim).

MENINA: Que música linda será essa? Será que os músicos reais estão se apresentando?

PROFESSOR: Nada disso, minha filha. É apenas um Rouxinol cantando lá fora.

MENINA: Verdade? Puxa...soa tão agradavelmente que eu pensei que viesse do palácio. Quem diria! Um simples rouxinol cantar tão lindamente que me pareceu ouvir a mais linda melodia do mundo!

PROFESSOR: É um lindo canto realmente. Pena que nada signifique.

MENINA: Como assim?

PROFESSOR: O canto do rouxinol é feito de técnica e habilidade, minha filha, não de sentimento. Na verdade, é como a maioria dos artistas: tudo estilo, nenhuma sinceridade.

MENINA: Tem razão, pai. O senhor é um sábio.

PROFESSOR: Nem tanto, filha, nem tanto. Todos nós sabemos como as artes são egoístas. O rouxinol, aliás, é o maior exemplo de uma arte egoísta, feita apenas para seu próprio prazer. Duvido que fosse capaz de se sacrificar pelos outros; que fosse capaz de amar ao próximo. Pensa unicamente na música.

MENINA: Mas o senhor não acha que a sua voz possui lindas notas?

PROFESSOR: Sem dúvida. Pena que nada signifiquem, que não tenham nenhuma utilidade prática.

MENINA: Como o dinheiro, por exemplo...

PROFESSOR: ...ou a sabedoria!

MENINA: ...ou o poder!

PROFESSOR: ...ou a beleza! (Eles riem e se abraçam)

(De novo surge o estudante).

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ESTUDANTE: Não consigo estudar...os olhos de minha amada estão como que gravados em meu pensamento. Está de tal modo entranhado em mim que é como se em minhas veias corresse o seu sangue, como se meu coração pulsasse no mesmo ritmo e intensidade. Não consigo esquecê-la. Será que ela pensa em mim? Ah, inverno! Por que me traz uma rosa vermelha?
(Escurece. Luz sobre o rouxinol).

ROUXINOL: A lua está brilhando nos céus... Chegou a hora. Onde está você, roseira?

VERMELHA: Aqui. Aguardando, ansiosa. Venha. Não tema. Aproxime-se e cante para mim. Devagar...

(Ele canta e um espinho se crava em seu peito).

VERMELHA: Isso! Mais! Que lindo! Que belo! Calma...não tenha pressa! Quero que cante para mim durante toda a noite! (T) Veja...até a lua cristalina se inclina para escutá-lo, rouxinol! (T)

ROUXINOL: A lua me ouvirá cantar e o sol irá vê-la brilhar!

VERMELHA:Chega um pouco mais perto. É preciso que meu espinho entre mais fundo em seu peito.

(Os dois fazem a cena cantando um dueto de amor).

ROUXINOL: Meu sangue está correndo...

VERMELHA: Sim, eu posso senti-lo correndo pelo meu caule! Cante, Rouxinol! Cante!

ROUXINOL:

Canto primeiro o nascimento do amor
no coração do estudante e de sua amada.

Cantarei até que no ramo mais alto da roseira
abra-se uma esplêndida rosa, pétala sucedendo a pétala
como cada segue uma outra.

Se a rosa a princípio é pálida como a névoa sobre o rio,
pálida como as nuvens da manhã e prateada como as asas da alvorada,
como sombra de rosa num espelho de prata
como sombra de rosa refletida de um charco
assim é a rosa que floresce no ramo mais alto da roseira!

VERMELHA: Vem mais, pequeno rouxinol, senão o dia virá antes que a rosa se complete!

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ROUXINOL:

Aperto meu peito mais fundo contra o espinho
e minha canção se faz cada vez mais apaixonada,
pois celebra o nascimento do amor ardente
na alma da menina e do estudante.
E surge nas pétalas da rosa um delicado rubor,
como o rubor que surge na face do noivo
quando pela primeira vez beija os lábios de sua noiva.

VERMELHA: (Ela é bem mimada, como a menina) Meu coração continua branco,
Rouxinol. O espinho ainda não atingiu seu coração. Somente o seu coração pode tingir de
vermelho o coração de uma rosa. Vamos, chegue um pouco mais antes que o dia chegue
antes da rosa estar completa.

ROUXINOL:

Aperto meu peito de encontro ao espinho
e ele me fere o coração.
Quanto mais fundo ele penetra
mais vibrante se faz a canção,
pois eu, Rouxinol, canto o amor perfeito:
o amor que sobrevive à dor e à morte
Como são belas as estrelas
e maravilhoso o poder do amor!
Um último trinado faz a lua branca
maravilhada,
esquecer-se da alvorada.
Ela permanece no céu,
à luz da manhã,
e a rosa se torna vermelha como o rubi.
Sim, vermelhas são suas pétalas
e rubro é o meu coração.

VERMELHA: (Falando) Olha! Olha, rouxinol! Estou completa agora! Ah, pobrezinho, não
pode mais me ouvir. Partiu. Não se preocupe, queridinho. Logo o sol virá para esquentar
seu corpinho frio.

(Manhã. O estudante vai a casa de sua amada. Todo vestido de festa traz uma rosa
artificial.)

TULIPA: Lá vem ele.

VIOLETA: Quem?

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

MAGNOLIA: Aquele João Ninguém!

GERANIO: Hum! Não acredito que ele vai ousar entrar aqui de novo!

LIRIO: Não vai entrar porque não tem ninguém em casa.

TULIPA: Deveria beber sumo de papoula e dormir mil anos!

MAGNOLIA: Um perfeito horror! Magro e pobre. Se se aproximar de mim, hei de ferroá-lo com os espinhos do cactus!

TULIPA: Realmente chega a ser ostentosa essa falta de origem. Demonstraria mais bom gosto se fosse triste, ou pelo menos pensativo...Mas não...vive saindo por aí, saracoteando alegremente de um lado para o outro.

MAGNOLIA: E assumindo posturas tão grotescas e tolas!

GERANIO: Uma ousadia!

VIOLETA: Um acinte!

ESTUDANTE: Quem sabe ela tem pena de mim e aceita esta imitação de rosa... Não é verdadeira como o meu amor, mas... (Vê a rosa vermelha escondida entre as flores) Hum! Uma rosa vermelha! Mas que sorte estupenda! E bem diante do jardim do meu amor! E como é linda! Jamais vi rosa igual a esta em toda a minha vida! Venha cá, beleza...(Arranca-a) Venha conhecer o meu amor...Onde estará minha bela? Já deve estar lá...me esperando! Vamos, rosa!

VIOLETA: Vocês viram? Vocês viram? Ele roubou a rosa vermelha que brotou esta manhã!

MAGNOLIA: Como se não bastasse ser miserável, ainda por cima ladrão!

(A borboleta se aproxima. Brinca com as flores que não gostam de sua presença).

LIRIO: (Irritado, tentando espantá-la) Essa lembra os pássaros...

VIOLETA: Essa quem?

TULIPA: Quem? Ora, quem? A borboleta,lógico!

VIOLETA: Por que você diz isso?

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

MAGNOLIA: Porque o seu comportamento é igualmente vulgar!

GERANIO: Isto serve apenas para mostrar quão vulgarizante efeito exerce esse incansável esvoaçar de um lado para o outro!

TULIPA: Sim, porque as pessoas bem educadas ficam sempre no mesmíssimo lugar, como nós, as flores. Ninguém jamais nos viu saltitando pelos atalhos ou perseguindo libélulas.

LIRIO: Quando queremos mudar de ares mandamos chamar o jardineiro e eles nos carrega para outro canteiro.

MAGNOLIA: Eu não quero mudar. Estou bem aqui. Deus me livre de ter que me misturar com as plantas dessa floresta, cheias de parentes pobres!

LIRIO: Fora os passarinhos e os lagartos que não tem o menor senso de repouso! Não tem sequer endereço fixo!

TULIPA: Olha quem fala...

MAGNOLIA: Não passam de vagabundos. Vivem com os ciganos e assim como eles deviam ser tratados...a pontapés!

TODAS: (Espantando a borboleta) Sai! Sai!

(Cena. Lado de fora do palacio exhibe os festejos reais. Torneio de artistas saltimbancos. Encantadores de serpentes, acrobatas, mágicos. Ciganas dançando ao som das cítaras e dos pandeiros. Ciganos predizendo o futuro. Fantoches).

(O estudante chega, procura a menina e a encontra).

ESTUDANTE: Olá, minha bela!

MENINA: (Susto. Depois decepção) Ah, você!

ESTUDANTE: Perdoe se a assustei. Mas mal podia esperar para lhe dar a rosa vermelha. Quero tanto dançar com você...apertá-la em meus braços...

MENINA: Como é? Dançar comigo? Apertar-me em seus braços?

ESTUDANTE: Não me diga que esqueceu?

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

MENINA: Esqueci do que?

ESTUDANTE: Você prometeu que dançaria comigo se eu lhe trouxesse uma rosa vermelha.

MENINA: (Sarcástica) Prometi, foi?

ESTUDANTE: Eis a rosa mais vermelha do mundo! Encaixe-a junto ao seu coração e, quando dançarmos juntos, ela lhe dirá o quanto sou apaixonado por você.

MENINA: Quando dançarmos juntos? Quem disse que dançarei com você?

ESTUDANTE: (Confuso) Mas...você prometeu! Disse que se encontrasse uma rosa vermelha...

MENINA: Posso até ter dito. Mas não prometi nada. Além do mais, veja, ela sequer combina com o meu vestido! Se ainda fosse branca, ou amarela...

ESTUDANTE: (Novamente alegre) Ora, por que não disse antes? Corro até a floresta e...

MENINA: Eu, se fosse você, não perderia meu tempo. Branca, amarela, azul, vermelha...seja qual for a cor, não importa. Não dançarei com você por nada desse mundo.

ESTUDANTE: Mas por que? Eu trouxe a rosa que você me pediu!

MENINA: E daí? Sabia que o sobrinho do rei em pessoa - o sobrinho do rei em pessoa - me deu o rubi mais rubro do que a rosa dessa cor e uma safira azul da cor do mar só para que eu fosse seu par esta noite? Jóias, entendeu? E verdadeiras! Você acha que eu trocaria tanta riqueza por uma simples rosa vermelha? Francamente! Toda a gente sabe que jóias custam muito mais que flores!

ESTUDANTE: Mas nada é tão precioso quanto o amor! Nem mesmo as mais caras jóias do mundo!

MENINA: Onde aprendeu isso? Nos livros? Ora, não seja tolo!

ESTUDANTE: O amor é o sentimento mais nobre do homem. Não há nada mais precioso que ele, nem coisa alguma na Terra pode pesar-se com ele. Vale todo o ouro que existe no mundo e é mais valioso do que o rubi dos reis. Negar o amor é um pecado que talvez não tenha perdão.

MENINA: Aposto que não foi você quem disse isso... Parece decorado!

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ESTUDANTE: Não fui eu; foi Oscar Wilde, um escrito inglês.

MENINA: Um poeta! Logo vi! Ouça, tolinho: de que vale o amor? Para que me serve? Não posso vê-lo, não posso tocá-lo, não o conheço. Portanto, não me fale dele. Para mim, é nada. .

ESTUDANTE: Quanta ingratidão! Nunca fui tão humilhado em minha vida!

ELA: Ah, por favor, nada de escândalo!

ESTUDANTE: Você é ingrata, menina, e um dia há de se arrepender de ter feito isso comigo!

MENINA: Ingrata, eu? Você é que não passa de um grosseirão! Um roceiro sem eira nem beira que acredita ter o direito de dançar com uma moça fina como eu! Afinal de contas, quem é você? Comparado ao sobrinho do rei, quem é você? Um simples estudante! Como ousa querer dançar comigo se não tem sequer fivelas prateadas para colocar em seus sapatos? Olha só a sua roupa...

ESTUDANTE: Que que tem?

MENINA: Feita de pele de animais...Argh! É com este traje que pretendia dançar comigo? Com essa pele de carneiro fedorenta? Essas botinas de lã? Olha bem para os trajes do sobrinho do rei...

ESTUDANTE: Sobrinho não é filho!

MENINA: E daí? Vai ser duque!

ESTUDANTE: Duque não é príncipe!

MENINA: Mas tem terra, dinheiro e poder! E você, o que que tem? Acha que trocaria o sobrinho do rei pelo filho de um lenhador? Nem morta!

ESTUDANTE: (Orgulhoso) É sua última palavra?

MENINA: Quer mais?

ESTUDANTE: Não. Divirta-se e até logo.

MENINA: Até logo não...adeus!

(Vira as costas e sai atrás do sobrinho do rei).

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ESTUDANTE: Como pude ser tão cego? Tanto me avisaram...Mas eu tinha que insistir e fazer esse tamanho papelão. Que grandíssimo paspalho há de julgar-me! Na certa vai passar a noite rindo de mim! (T) Quer saber de uma coisa? Ela tem razão! O amor é mesmo uma coisa ridícula! Não serve para nada: não é útil como a lógica, nada prova e está sempre a falar de coisas que não vão acontecer e a fazer crer em coisas que não são reais! É de todo inútil e, neste mundo, a utilidade é tudo. Portanto, voltarei aos livros e me dedicarei à filosofia, à ciência e aos livros! Passar bem!

(Ele sai pisando na rosa. As três fadas se aproximam. A madrinha pega a rosa esmagada, penalizada).

MADRINHA: Pobre rouxinol...sacrificou-se à toa!

FEITICEIRA: Que quer dizer? É este o final da história?!

MADRINHA: (Chorosa) Sim, é!

FEITICEIRA: Bela maneira de terminar uma história! Mas eu bem que avisei! Eu bem que avisei! Vocês insistiram, eles não se pronunciaram...

MESTRA: Como você queria que terminasse, Feiticeira?

MADRINHA: Um final feliz!

FEITICEIRA: Também não vamos exagerar, Madrinha! Um final palpitante!

MADRINHA: E afinal, qual é a moral dessa história? Não entendi.

MESTRA: Que moral! Quem dá moral é escola, não fada!

FEITICEIRA: Depois, histórias com moral aborrecem, não levam a lugar algum.

MADRINHA: Mas e a mensagem?

MESTRA: Acho que vocês têm algum problema... Esse conto está recheado de lições de vida! Traz mensagens em todos os poros!

FEITICEIRA: Na minha modesta opinião, Oscar não soube contar essa história direito...com o maior respeito, claro!

MESTRA: Ah, não soube não. Você na certa contaria bem melhor.

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

FEITICEIRA: Sem dúvida. Todo contador de histórias que se preze, hoje em dia, começa pelo fim, depois volta ao princípio, e conclui com o meio.

MESTRA: Quem disse isso?

FEITICEIRA: É o novo método, fiquei sabendo disso outro dia..

MADRINHA: E por quem?

FEITICEIRA: Por um crítico, quem mais? Eles sempre sabem de tudo. Depois de discorrer exaustivamente sobre o assunto, me convenceu de que tinha razão, pois os críticos têm sempre razão.

MESTRA: Durma-se com um barulho desses!...

MADRINHA: Voltando à nossa história...que menina mais irritante! Tomara que o sobrinho não vá com a cara dela e ela termine ficando sozinha, chorando na cama que é lugar quente! Espere aí...espere aí! E se nós criássemos um final feliz? Eu tenho certeza de que Mr...Mr...como é mesmo o nome dele?

FEITICEIRA: Wilde, Madrinha. Oscar Wilde.

MADRINHA: Isso. Ele adoraria o final que eu bolei!

MESTRA: Claro. Só que esta seria a sua história e não a dele.

FEITICEIRA: Ah, que que tem? Não seja tão rígida, Fada Mestra. Um encaixezinho aqui, outro ali...

MADRINHA: Ele nem ia reparar! Eu, se fosse Oscar Wilde...

(Volta a cena anterior. Estudante com a rosa na mão).

ESTUDANTE: Você prometeu que dançaria comigo se eu lhe trouxesse uma rosa vermelha...(Oferece a rosa)

MENINA: Oh, que linda! Esta é a rosa mais vermelha do mundo!

ESTUDANTE: Que bom que você gostou!

MENINA: Adorei! Vou usá-la esta noite, junto ao coração!

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

ESTUDANTE: ...e então, quando dançarmos juntos, ela lhe dirá o quanto amo você!

(Os dois se dão as mãos e um beijo sela o final Feliz).

(As fadas voltam a cena).

MADRINHA: ...e eles seriam felizes para sempre!

MESTRA: (Sacudindo a sonhadora) Mas não foi isso o que o autor escreveu!

FEITICEIRA: Já eu escreveria uma outra coisa...Muito melhor que a sua versão, Madrinha...

MADRINHA: Duvido!

FEITICEIRA: Duvida? Então veja!

MESTRA: Meu Deus do Céu...

(A filha do professor ansiosa aguarda o sobrinho do rei).

MENINA: Não é possível...Deve ter acontecido alguma coisa...Ele não se atrasaria tanto! Papai! Que horas são?

PROFESSOR: Já passam das onze, querida! Acho melhor você entrar para não se resfriar!

MENINA: Eu não vou entrar, papai...eu vou sair! Vou ao baile!

PROFESSOR: Meu amor...a esta hora o baile já deve estar quase acabando...

MENINA: Como acabando? Imagina se ele ia começar sem mim!

(Uma carruagem real despeja o estudante e a princesa).

ESTUDANTE: Obrigado pela carona, princesa...Jamais cheguei tão bem acompanhado em casa.

PRINCESA: Adorei ter conhecido você, estudante...

ESTUDANTE: Eu também. Obrigado por tudo. Foi uma noite maravilhosa.

O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

PRINCESA: A primeira de uma série de muitas. Até breve, meu amor!

ESTUDANTE: Até! (Rodopia) Ah! Como o amor é lindo!

MENINA: Como você é volúvel, isso sim! Como ousa já estar apaixonado por outra?

ESTUDANTE: Quem...? Ah, é você? Bem...o mundo dá muitas voltas. E você? Não foi ao baile?

MENINA: (Sem graça) Fui, claro. É que eu não me senti bem, vim embora mais cedo...

ESTUDANTE: E o sobrinho do rei?

MENINA: Não fui com a cara dele...muito exibido pro meu gosto. Da próxima vez (Olhar cheio de promessas) vou ao baile com o meu estudante.

ESTUDANTE: Lamento, mas agora já estou comprometido. Vou me casar com a princesa.

MENINA: Mas ... e eu?

ESTUDANTE: Você? Acho que vai ter que ficar pra titia. (Cai na risada)

(Sai rindo. a menina, furiosa e mimada, bate os pés, as duas fadas riem).

MESTRA: Que vulgaridade! Imagina se Oscar Wilde iria escrever um final desse gênero!

FEITICEIRA: Você prefere o dele? A menina manda o estudante passear, o estudante chega a conclusão de que o amor não vale nada e de que os homens são todos uns egoístas? Como se não bastasse, a floresta perde o seu rouxinol, que morre trespassado por um espinho de uma rosa mimada!

MESTRA: Quem disse que ele morreu?

MADRINHA: Ah, não morreu não?

FEITICEIRA: Não, você não viu? Ele evaporou, virou nuvem passageira!

MESTRA: (Vindo a frente) Foi para a Casa da Morte. Mas o que é a morte, senão a irmã do sono? E no jardim celestial ele cantará eternamente e, em minha cidade dourada, há de cantar para sempre o rouxinol! (Para as fadas) Não percebem, meninas? Ele transformou-se em anjo da guarda de todos os rouxinóis que, na volta da primavera, encheram a floresta de flores, frutos e pássaros!



O ROUXINOL E A ROSA

A partir da história de Oscar Wilde
Adaptação e Texto de Fátima Valença

MADRINHA: Gostei disso! Gostei disso!

FEITICEIRA: Não precisa repetir!

MESTRA: Ah, a primavera! Ela desperta os seres adormecidos, devolve o calor aos corações solitários e traz uma nova vida a todos os habitantes da floresta que juntos cantam a canção final!

Todos cantam a canção final.

F I M

Rio de Janeiro, julho de 1994

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato Autora: fatimavalenca@terra.com.br

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br